

RENOVAÇÃO

7



Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* Telefone: *Trindade 539*

SUMARIO do numero anterior:

As vindimas, com gravura — A dança e a ginástica rítmica, com gravuras — **Imprensa operária**, com gravuras — **Os pólos e os esquimós**, com gravuras — **O povo e as revoluções. A revolução de 1830 — O Riff contra a França e a Espanha**, com gravuras — **O naufrágio**, por *Adolfo Moraes*, com desenho de *Rocha Vieira* — **Os grandes mistérios da vida — Os habitantes do mar**, com gravuras — **Ideologia**, por *Ferreira de Castro* — **O mundo curioso**, com gravuras — **Nota de arte: Nú**, quadro de *Júlio Morses* — **Actualidades**: Greve do pessoal bancário de Paris; A revolta da China contra o domínio estrangeiro; Mais um delegado à Rússia; Ricardo Mella; Greve de marítimos em Inglaterra. — **Hors-texte**: A Verdade, quadro de *E. Debat-Ponzeau*.

Ano I — Numero 7

Lisboa, 1 de Outubro de 1925

O presente número é acompanhado de um *Hors-texte*

Renovação

PANFLETARIOS

O centenário da morte do maior de todos — Paul Louis Courier

A França acaba de comemorar o centenário da morte de Paul-Louis Courier, o panfletário. A França não, que a França preocupada com a sangueira da «pacificação» de Marrocos e da Síria, não tem tempo para cuidar das coisas de pensamento. Foram os habitantes de Veretz, na Fouraine, onde Courier viveu e morreu, que recordaram o passamento do formidável panfletário, mestre e criador dessa admirável forma de demolir e apóstolar.

Foi realmente Paul-Louis Courier de Meré, o culto helenista, irreverente e mordaz, quem criou o panfleto? Na sua forma actual foi ele quem o reabilitou, pelo menos, dando-lhe elevação, com os seus primores de estilo, as suas maravilhas de clareza, os seus prodígios de saber — e, sobretudo com a sua mordacidade incomparável e o seu aticismo fulgurante. Courier imprimiu ao panfleto, que era só pasquim, as qualidades

vinte cópias, fez as delícias da guarnição em que Courier se encontrava. Verificado o efeito do processo, o panfleto tinha encontrado o que convinha ao seu temperamento combativo de revoltado.

Antes dêle, porém, a crítica acerba mas elegante, com a elevação praticada pelos maiores no pensamento e na erudição.

Que são as «Swift» de Demostenes e toda a obra de Luciano e de Menipo, senão panfletos? E o «Apokolokyn-ton» de Seneca, o filósofo, e o «Satyricon» do elegante Petrónio?

Rabelais foi um enorme panfletário que ironizava e Swift, também clérigo e de aguda inteligência, outro, no género sarcástico.

As «Provinciales» de Pascal, que são senão panfletos contra os jesuitas e Voltaire o que foi de grande senão panfletário?

Durante e antes da Grande Revolução pulularam os panfletos, mas só Camilo Desmoulins é digno do nome de panfletário; Marat, por exemplo, não.

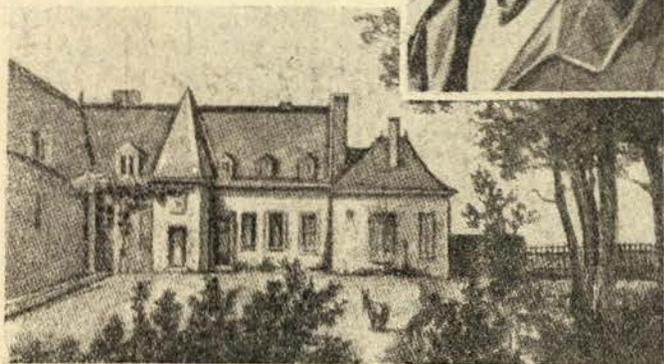
E' que, não se confundiam ontem o simples crítico de costumes ou o escritor satírico, mesmo o demolidor exaltado, com o panfletário, como convem distinguir hoje entre este e o polemista.

O panfletário usa um estilo próprio, inadaptável a outro género de escritos, que não sejam o panfleto, quer êle circule solto, quer se integre num periódico de combate. E' o estilo que Courier criou, resuscitando arcaísmos, dando fóros de cidade a expressões populares causticas, desarticulando a prosa, tornando-a incisiva, contundente e ao mesmo tempo harmoniosa e clara.

A perfeição dêste estilo atingiu-o Courier, na sua última obra, o «Panfleto dos Panfletos» modelo de erudição e aticismo.

E', porém, na «Carta aos senhores da Academia das Inscrições e Belas-Artes», quando êles se recusaram a recebê-lo no seu seio, em substituição do sogro, o sábio helenista, que Courier realiza prodígios de mordacidade. «A petição às duas Camaras», feita em 1819, após a Restauração, ficará como norma do panfleto político.

Courier, que segundo dizia, fôra «soldado por obrigação, camponês por gosto e escritor por passatempo» escreveu ainda uma tradução e comentário de algumas páginas inéditas de «Daphnis e Chloé» de Longus, que encontrara na Biblioteca de Florença; grangeou porém maior fama, com a sua «Carta a Mr. Rénouard», por exemplo do que com essa obra meramente literária. E foi à memória do panfletário e não do helenista, que Veretz prestou homenagem, recordando a sua glória, no primeiro centenário da data do seu falecimento, ocorrido em circunstâncias misteriosas no bosque de Sarçay, perto da sua propriedade de Chavonière.



Paul Louis Courier — A casa onde o ilustre panfletário habitava

do raio, que deslumbra e fulmina. Purificou-o. Sublimou-o.

Certo, antes de Courier houvera panfletarios. A crítica dos costumes e das ideias foi exercida, com brilho, por alguns dos mais notáveis pensadores, na linguagem própria do panfleto. Fizeram-no, porém, em obras extensas e só Courier teve a presciência de que o folheto, que se lê em toda a parte, que se mete no bolso, que custa pouco, pode realmente interessar a muitos. Para realizar a sua fórmula, aprendia talvez no convívio com os escritores gregos — «Peu de matière et beaucoup d'art», publicava as suas «cartas» e as suas «petições», breves e sarcásticas, em folhetos de pequeno formato, *pamphlet*, como os ingleses lhes chamavam adaptando o *paume-feuille* francês — folheto que cabe na palma da mão.

Teve Gourier a revelação do panfleto, ao escrever, quando tenente de artilharia, uma carta ao General Délon, chamando-lhe patife. Essa carta, de que se tiraram

Paul-Louis Courier, fez escola, porém. Podem considerar-se seus discipulos Cormenin, o violento *Timon*, que tanto combateu a monarquia de Luis Filipe; o extraordinario Veuillot, o maior panfletario que serviu a igreja católica; e o grande Rochefort, mestre do jornalismo.

Ninguem levou tam longe a defesa do catolicismo e dos seus dogmas os mais absurdos, como esse assombroso Louis Veuillot, que combateu com uma tenacidade e uma violencia inauditas o livre pensamento, o espirito liberal e até o proprio galicanismo de alguns bispos e padres franceses. Defendeu a infalibilidade e o poder temporal dos papas com mais ardor do que o proprio Pio IX. Ultramontano como nunca ninguem o foi, Veuillot, não era católico, nem cristão, nem religioso, era só partidario do Papa.

Henri Rochefort é um panfletario da Liberdade. Atacou o segundo Império com galhardia e fez mais dano a Napoleão II do que os Prussianos. Liberal no «Figaro» republicano na «Marselheza», que fundou, radical-socialista, no «Intransigente», que também fundou, Rochefort fez campanhas formidaveis, como a da questão do Panamá e do processo Dreyfus. Os seus duelos, exilios, prisões, contam-se ás dezenas, chegando a ser deportado para Caiena, donde se evadiu. O nacionalismo, porém, absorveu-o no fim da vida e talvez morresse contrito de tanto ter pejado pela Liberdade.

Outro panfletario enorme e esse ainda vivo é o alemão Maximiliano Harden, que escreveu, a fogo, o libelo

contra a camarilha militarista, que rodeava Guilherme II, denunciando os seus torpes vicios secretos. O processo que lhe moveu Moltk revelou de forma insofismavel que na Alemanha militarista desde o marechal ao corneteiro, todos se entregavam ás repugnantes práticas da homosexualidade. Ainda há pouco, Harden, que é impenitente, a-pesar-de sexagenário, foi vitima dum atentado dos nacionalistas alemães.

Em França, Léon Daudet, o truculento reaccionario da «Action Française», procura seguir a pegada de Veuillot. Não atingirá a grandeza deste, mas é também um panfletario temivel.

Em Portugal só João Chagas foi medularmente um panfletario. Os outros foram-no por incidente, desde José Agostinho de Macedo até Fialho de Almeida, para só falar dos mortos. Camiio, o grande sarcasta poderia ter sido um enorme panfletario, e foi-o por vezes, nas suas polémicas pessoais, a que faltava porém a nobreza dum alto ideal. Eça de Queiroz e, especialmente, Ramalho Ortigão também culturaram com brilho o panfleto e, dos poetas, Junqueiro e Gomes Leal enfileiram ao lado dos melhores panfletarios.

A podridão do existente é tão mesquinha, que nem um panfletario gera. Os raros que o tentam ser, só de tempos a tempos surgem de azorragem em punho, mas logo o desanimo ou a corrupção os emudecem.

O verbo de ouro de Courier, látego brilhante, seria grande de mais para isto.

O 1.º CONGRESSO CONFEDERAL

Inaugurou-se no dia 23 do mês findo, em Santarem, o 1.º Congresso Confederal, IV Nacional Operário, a que assistiram 164 delegados que representavam 128 organismos. Por esta representação orgânica, foi o maior congresso operário até agora realizado entre nós. Aos trabalhos assistiram Armando Borghi, militante italiano, delegado directo da Associação Internacional dos Trabalhadores, e Gonzalez, da Confederação Geral do Trabalho, de Espanha.



A mesa de uma das sessões vendo-se, entre outros militantes operários, o secretário geral da C. G. T. Manuel da Silva Campos e Armando Borghi, delegado da A. I. T. — Em baixo: Os congressistas saindo do congresso

DE PERNAS À VELA...



No mundo católico, em especial na sociedade elegante, vai agora um alarme grande, pelas exigências dos pastores em matéria de «decência feminina». Aquilo a que os bispos chamam «o exagêro das modas» impede que muita dama galante assista aos actos do culto, piedosamente. Em algumas igrejas exerce-se ás portas uma fiscalização rigorosa e noutras distribuem-se ás mulheres, que não estão vestidas consoante os canones, bilhetes impressos, convidando-as a sair.

O próprio papa, do alto da cadeira de Pedro, escudado na sua infalibilidade, permitiu-se meter o bedelho na arte de bem vestir. E quasi todos os bispos, por cartas pastorais, cominam sanções para as fieis, que não se vestem a seu gôsto.

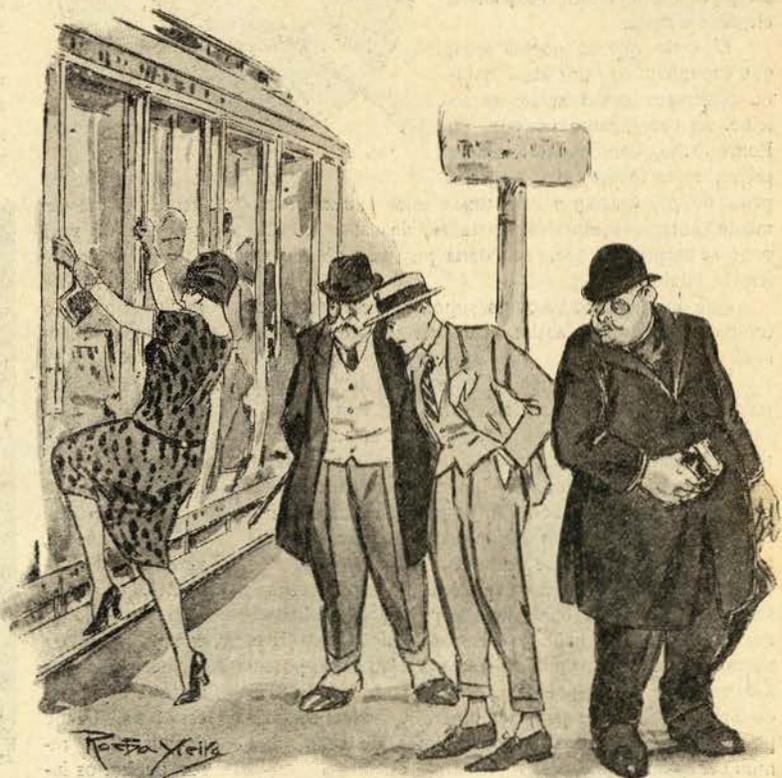
Foi sempre pretensão da Igreja católica intervir em tudo que diga respeito à vida social e as suas prescrições em matéria de indumentária feminina são velhas de séculos. Que provocaria, porém, este exacerbar do zêlo apostólico, contra os vestidos das mulheres? Quais serão os exagêros da moda que mais irritam os pudicos prelados e os austeros abades?

O vestuário feminino tem evoluído num sentido de simplicidade apreciável. Veem sendo reduzidas as peças, aligeirados os tecidos, encurtadas as dimensões. O essencial, porém, continua tapado.

Os mesmos decotes não atingem hoje as proporções

dos que predominavam nos dois séculos ultimos. Para não irmos mais longe, as modas do Directório, do Consulado, do Primeiro e do Segundo Império foram nesse particular duma prodigalidade encantadora. Não podem ser, portanto, os decotes, o que mais concita as iras do grave clero católico.

Será o uso dos vestidos que esculpturam as formas





Em casa...

pernas! Como se as pernas fossem objecto de tentação pecaminosa, consagram a decadência dos que as teem por veículo de estranhas volupias!

A saia curta é uma inovação que ha de ficar, como a dos cabelos curtos. E ha de ficar porque é simples, prática, higiênica, economica, elegante e casta.

E' certo que as nossas avós, que expunham os seios até à cintura, ocultavam as pernas até ao Joelho. Às vezes, como na época do Romantismo, com umas incríveis calças, cujos folhos caíam sobre o peito do pé, e sempre com umas saias extraordinariamente enormes compridas e rodadas, de cauda e balão, onde se empregava pano que daria para vestir hoje uma família inteira.

Que inestimáveis tesouros suporiam essas senhoras ter nas pernas, para assim as ocultar aos olhos cubicosos?

E' que as pernas, a não ser num ponto de vista puramente estético, — e só um limitado número tem sensibilidade para lhes apreender a beleza — nada dizem aos sentidos. As pernas não são, como o preconceito pretende e os bispos agora confirmam, — um excitante genésico. Só por uma lamentável aberração se pode attribuir essa importância à perna, mero órgão locomotor que nem tem a nobreza nem a utilidade do braço.

Não cremos que alguém se excite no sentido sexual, vendo as pernas das banhistas nas praias, as das bailarinas ou do corpo de baile nos teatros, as das desportistas no campo de jogos. Quando essa parte do corpo possui a correção e as proporções normais, consoante o tipo de beleza imaginado por cada um, é agradável contemplá-la, mas nenhum dos centros motores do sexo vibra num ser normal.

O *libidum sexualis* obedece a leis, ainda que variá-

collants, — como os franceses lhes chamam, — os ombros nús, as saias curtas?

São principalmente as saias curtas, as pernas à mostra desde o Joelho, o motivo das abjurgatórias dos bispos e padres, da santa indignação das beatas e sacristães.

Ora no que haviam de ir reparar as immaculadas almas... nas



No tennis...

veis de indivíduo para indivíduo, correlacionadas sempre com a função reprodutora da espécie. Instintiva, inconscientemente, o homem procura na mulher a mãe dos seus filhos. Logo as qualidades que são garantia duma maternidade perfeita, são as que mais o impressionam.

A linha ondulante e a amplitude dos quadris são a afirmação aparente duma vasta bacia, onde o embrião pode desenvolver-se à vontade; a forma, o tamanho e a rijeza dos seios falam da certeza dum bom aleitamento do recém-nascido. Freqüentemente estes indícios falham, mas a tradição ancestral gravada no sub-consciente da espécie é que torna essas partes do corpo da mulher poderosos excitantes sexuais.

As pernas não. As pernas não representam nada na função reprodutora. Preferem-se altas e bem modeladas, por isso representar o tipo normal da espécie e corresponder ás proporções fixadas pelos estatuários dos idos tempos, que souberam interpretar, como ninguém, a beleza do corpo humano. Por isso mostrá-las não deve ser tido por falta de pudor, tanto como o não é mostrar o rosto, os braços, o colo.

O povo, que é naturalmente público, porque obedece às regras da moral biológica, não tem escrúpulos nesse ponto. As camponesas dizem até que a perna, para -baixo do Joelho é do conelho- querendo significar que é coisa pública, comum, que não deve ser escondida.

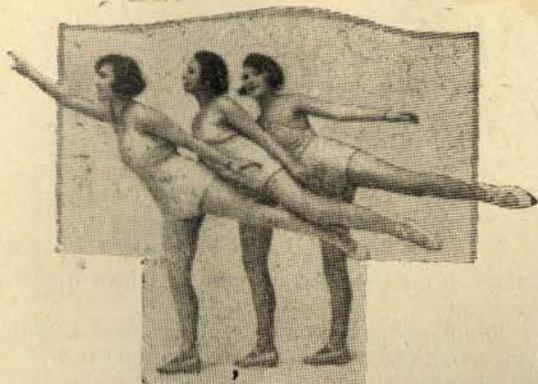
E se o dizem melhor o fazem, não ligando importância a mostrar as pernas nús. A moda vem integrando todas as mulheres nesse conceito do pudor, o unico inteli-

gente. O mesmo costume de uzar as pernas nús já tem adeptos entre mulheres que não praticam o naturismo. Algumas elegantes de Paris lançaram essa moda, não sabemos porém, com que intenções.

Na verdade há pobres seres, virilmente decadentes, que se deixam impressionar com a perna da mulher e algumas hetairas exploram essa sensibilidade doentia. São raros, porém, os indivíduos que pa-



Na praia...



Na dança...

deçam dessa aberração. A grande maioria dos homens que aparenta impressionar-se com o espectáculo dos membros locomotores da outra metade do género humano, fá-lo por vício de educação, por moda, por espírito de imitação e sobretudo para presumir duma virilidade, que a própria ciência desmente.

São esses cavalheiros quem alimenta os prejuizos sobre a exibição da perna, quem dá razão aos bispos, quem envergonha o homem verdadeiramente homem. Não podem deixar de inspirar desprezo os vadios que andam pelas esquinas e nas paragens dos carros, empregando dichotes de bordel e olhares artificialmente concupiscentes, dirigidos às pernas das mulheres que passam. Também elas, as que exploram essa torpíssima mania, especialmente traçando a perna em exhibições provocadoras, merecem não a excomunhão dos bispos, mas a nossa piedade se são profissionais e a nossa troça se o aparentam ser.

A perna da mulher que não encerra filtros amorosos para nenhum homem normal, que é exposta nas praias, nos palcos e nos campos de desportos, sem que ninguém se escandalize, é objecto por vezes dum exagerado culto.

Lembramo-nos, por exemplo, das pernas da velha actriz Mistinguet, que os seus admiradores dizem ser «espirituais» e das da bailarina Vera Nemtchinova, que as segrou recentemente por 30.000 libras. Essas pernas po-

rêm, são instrumentos de trabalho. Em Mistinguet, prodígios de elegância e de agilidade, que lhe permitem quasi sexagenária, aparentar vinte anos; na Nemtchinova, maravilhas de realização em coreografia, que ela se viu obrigada a segurar, pois um acidente quasi as ia inutilizando para a sua arte.

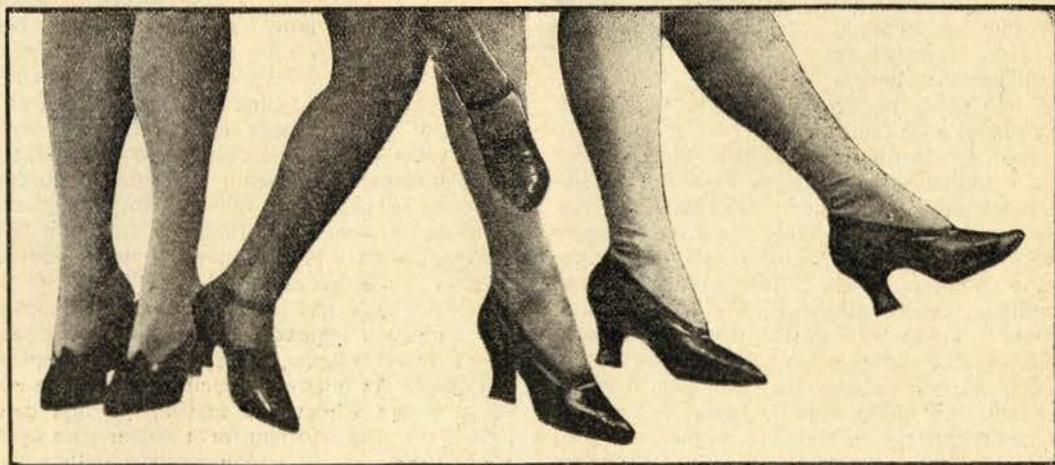
Compreende-se o culto por estas pernas, como se compreende a admiração por aquelas que a Natureza delineou a capricho. Essas porém são raras!...

Ainda há pouco num concurso de pernas femininas realizado em Londres, em que obtive o primeiro prémio uma senhora deputada, regeitaram-se milhares de concorrentes por as suas pernas estarem muito aquém do tipo médio fixado. Idênticos concursos teem sido feitos na América do Norte, de certo com idênticos resultados porque a civilização mata a beleza. A verdade é, porém, que nem o puritanismo britânico ou americano se sentem maguados com essas exhibições de pernas, nem as concorrentes julgam abdicar da dignidade do seu sexo, expondo-as. E' que, repetimos, para todos, excepto para a igreja católica, a perna da mulher não envolve qualquer tentação.

São, portanto, as saias curtas absolutamente defensáveis, perante as exigencias da vida moderna, da elegância e da comodidade. A não deverem as mulheres usar calças, porque isso se prestaria a deploráveis confusões, dado que o olfacto do homem já não está exercitado para presentir a mulher a distância, e só de perto e á vista as reconheceria se vestissem os trajos masculinos — somos inteiramente pelas saias curtas e pela perna á vela, por muito que isso pese aos senhores bispos.



No desporto...



PAZ ARMADA!

ESCUTAM-SE OS PRELÚDIOS DE NOVAS GUERRAS E EMUDECE

A VOZ INSINCERA DE UM PACIFISMO ILUSÓRIO

A humanidade vai ser outra vez assolada por guerras cruentas. Carnificinas bárbaras virão destruir mais vidas pujantes, aniquilar sentimentos fraternos, desfazer brutalmente sonhos generosos. Furacões de fogo e de ancestrais instintos assolarão de novo aldeias tranqüilas, cidades risonhas, campos fecundos. E tudo para que fique satisfeita um momento a insaciável gula do capitalista e para que se acentue sempre o jugo odioso do militarismo sobre povos pacíficos.

Duas potências inimigas, entre si, por rivalidades, e inimigas de cada povo pelo anseio de dominar, o imperialismo e o nacionalismo, estão envolvendo-se numa luta temerosa. Porém, o triunfo de qualquer destas potências beneficiará, unicamente, o predomínio do capitalismo. E' que essas graves questões do petróleo, das alfândegas chinesas, das influências económicas e dos protectorados de povos, são criminosas querelas sobre mudanças de propriedades. O ideal da pátria, que nos tempos barbaros teria beleza, recolhimento e abnegação, não passa no nosso século de uma moral de cinismo e de crime.

Dilue-se, diante das rivalidades do capitalismo, a abstracção pacifista de uma fraternidade internacional. Está reunida a Sociedade das Nações, onde tem voz mais sonora as maiores potências, onde os pequenos povos são escutados com complacência e onde a única vontade atendida é a dos governos, dos governos que acatam a vontade imperativa dos grandes possuidores das riquezas do solo e da produção. E dos longos debates da assembleia mundial não saiu um único meio de anular as ameaças de novas guerras, não brotou, sequer, um protesto tão eloqüente que às almas boas demons-

trasse ser mais sincero do que artificioso o seu pacifismo.

Reuniu-se, há poucas semanas, ainda, um congresso internacional de paz, ao qual ocorreram homens de variadas raças, consciências iluminadas, como é intuitivo supôr-se, do forte e supremamente humano desejo de evitar choques homicidas e horrores alucinantes. Mas a voz magna d'este congresso perdeu-se, como um eco surdo, entre os rumores de catástrofes e hecatombes.

Armam-se as potências de grande ou pequena estrutura, repetem-se os desafios dos primeiros anos d'este século. A Inglaterra toma a dianteira de rivalidades perigosas, aumentando o seu poderio naval, obrigando pequenos estados às suas influências e às suas alianças, dominando pela crueldade os países que lhe aceitam o jugo e ameaçando os governos que a irritam e a despeitam. Já construiu o maior couraçado do mundo, como se quizesse formar a lenda de uma nova Babel, que seria a Babel inexpugnável dos mares—

e não é, afinal, senão uma intimativa atirada aos povos de que a senhora dos oceanos será sempre a velha Albion, que castigará com requintes de desumanidade a menor contestação ao seu domínio. «E' necessário que em tempo de guerra só navegue quem a Grã-Bretanha consentir nos mares», afirma a política naval, a única política exterior dos ingleses.

O domínio nos mares da China participam das ambições inglesas. Tem diante de si poderosos rivais: o Japão, a Norte-América e, depois, a França. As quatro potências lançaram-se sobre a pobre China que resiste, que luta com desespero, mas não tem força militar para opôr aos intrusos, e a sua anémica vida política não



O alemão Loebe, presidente de Reichstag, discursando no recente Congresso Universal da Paz. A' esquerda do orador o célebre professor Charles Richet. Em baixo, a célebre escritora M.^{me} Severine, que também tomou parte no Congresso.

lhe dá poder de opinião no conceito das nações. As suas alfandegas são a base das potências inimigas para uma guerra feroz de saque e exploração. E no dia hipotético em que o povo chinês se der por vencido, a Grã-Bretanha que sabe esperar e agir, discutirá com os seus supostos aliados de hoje a posse dos portos e a influência dos mares. O que sucederá, então? O Japão é um inimigo dissimulado, que não perdôa a influencia inglesa no Extremo-Oriente. A America do Norte é um adversario frio que, andando desconfiado da base naval inglesa de Singapura e anseando igualmente o dominio dos oceanos, talvez rodopie velozmente para o campo da rivalidade. Mais perigos de assoladoras guerras virão sobressaltar os povos orientais, que são já uma péla incansavel neste jogo de interesses.

A ambição inglesa despertou a rivalidade da Rússia, fonte principal de todo o nacionalismo que se agita no oriente europeu e na Ásia. E a Grã-Bretanha, que sabe ter no nacionalismo a contaminação do seu poderio, apresta-se a secar aquela fonte, tornando latente uma intervenção bélica dos países fronteiros, a Polónia e a Roménia, hoje já bafejados pelo espirito militarista da França, que os armou até os dentes e as protege por meio de tratados.

O flagelo alastra. De França partem sucessivas expedições militares para Marrocos, onde a guerra jámais terminará sem a independência política do povo rifenho. Apesar do seu numeroso exército e da aliança transitória com a Espanha, nenhuma victória decisiva e retumbante veiu — e virá? — compensar os esforços enormes, as perdas irreparáveis de vida e bens, as derrotas imprevisas, que têm sido sempre o activo francês neste sorvedouro humano. O concurso da Espanha não lhe pode ser útil, porque os rifenhos, que tambem sabem combater, não deixam que o inimigo passe do litoral.

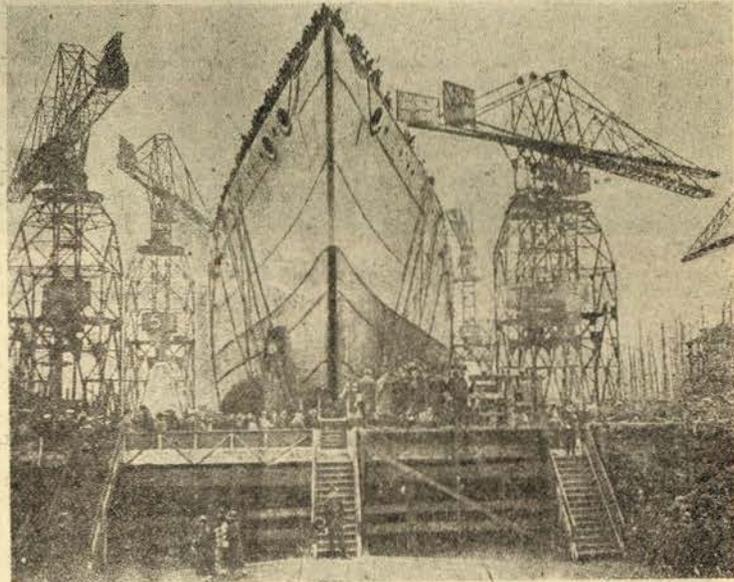
O sonho militarista, pezadelo dos povos, mantem esta guerra estupenda. E' pelo dominio do Mediterrâneo que as duas potências sacrificam vidas e dinheiro; mas uma victória decisiva em Marrocos não lhes daria maiores probabilidades. A Inglaterra vigia silenciosamente; tranqüilla porque detem o canal de Suez, a base naval de Malta e as fortalezas de Gibraltar.

Por toda a parte, os govêrns estão preparando novas guerras que favoreçam a ambição do capitalismo e do militarismo. O ambiente das chancelarias está, actualmente, carregado

de uma belicosidade perigosa. Os povos vivem as mesmas inquietações que preludiaram a última e monstruosa guerra. Entretanto está reunida a Sociedade das Nações. O que faz ela para arredar os perigos latentes? Humilde para com as potências, surda aos queixumes de povos oprimidos e espoliados, adiou outra vez uma solução prática do problema do desarmamento, protelou para estudos desnecessários as reclamações de diversos povos, e o ingresso dos estados que desagradam às potencias.

A Sociedade das Nações — supremo bluff mundial do capitalismo e do militarismo bem entendidos. O pacifismo — encantadora ingenuidade de almas interessadas e burguesas.

Pensar que seria tão fácil abater, numa luta



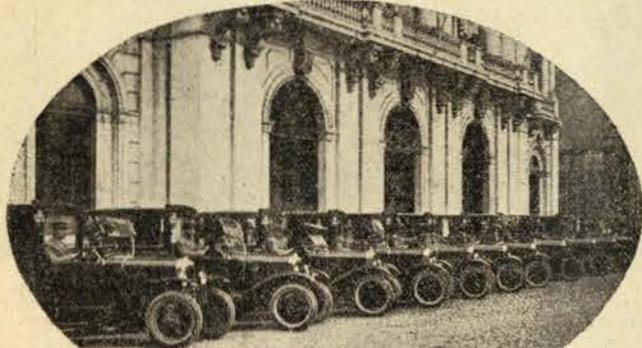
«Nelson», que a Inglaterra acaba de lançar ao mar, é o maior navio de guerra do mundo. A construção deste formidável barco importou em 7 milhões de fibras esterlinas

grandiosa, o predomínio militar e económico do capitalismo — se as multidões despertassem da sua inconsciência, sacudindo a tutela criminosa que as transforma em infinitas legiões de escravos e, até, — como dói, dizê-lo! — em bandos sinistros de facínoras e de saqueadores...

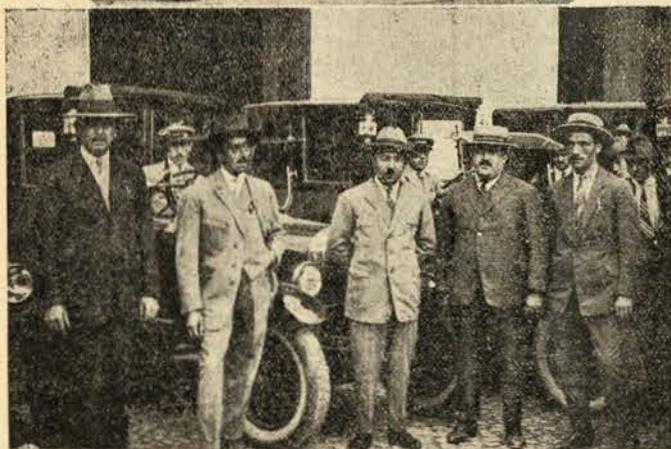
Pensar que os horrores das guerras e os longos martírios que elas trazem para a Humanidade, não se repetiriam mais — se nem um único jóvem se prestasse ao sacrificio da sua vida e da sua bondade, para enriquecer a quem o reduz à fome durante a paz; se os regimentos voltassem as armas, numa revolta suprema e insufocável de consciências, contra esses generais que mandam marchar e não se movem, que sacrificam as vidas obscuras aos seus planos homicidas, conservando a sua vida que será galardoada em consagração afrontosa para as almas soffredoras dos que teem parentes e amigos imolados nas carnificinas...



O Sindicato do Pessoal dos Rebocadores e Gazolinas comemorou no passado dia 16, o seu 1.º aniversário, embandeirando todos os rebocadores disponíveis ao mesmo tempo que os apitos e «sirénes» vibravam festivamente.



na praça de Lisboa onze luxuosos carros Citroën 10 H. P. para serviço *Taxi*, estando á espera de mais trinta e nove carros da mesma marca. O publico acolheu a iniciativa dos chauffeurs com entusiasmo e simpatia. Nas gravuras juntas, no oval os leitores veem os onze taxis em frente á Camara Municipal, e em baixo a direcção da Cooperativa: Francisco Nunes, presidente; Albano Pinheiro, tesoureiro; Carlos Alberto da Silva Lobo, secretario; João Fernandes e Faustino da Silva, vogais.



Entre os socios da Associação de Classe dos Chauffeurs de Portugal constituiu-se a Cooperativa de Cauffeurs Lisbonenses que acaba de pôr



O deputado comunista francês Durot que se tem salientado pela sua opposição á guerra de Marrocos.

No dia seguinte áquele em que pronunciou um discurso violentissimo na Camara, foi preso em sua casa onde foram apreendidas copias de documentos officiais que assinalavam os revezes sofridos pelos francezes em Marrocos.

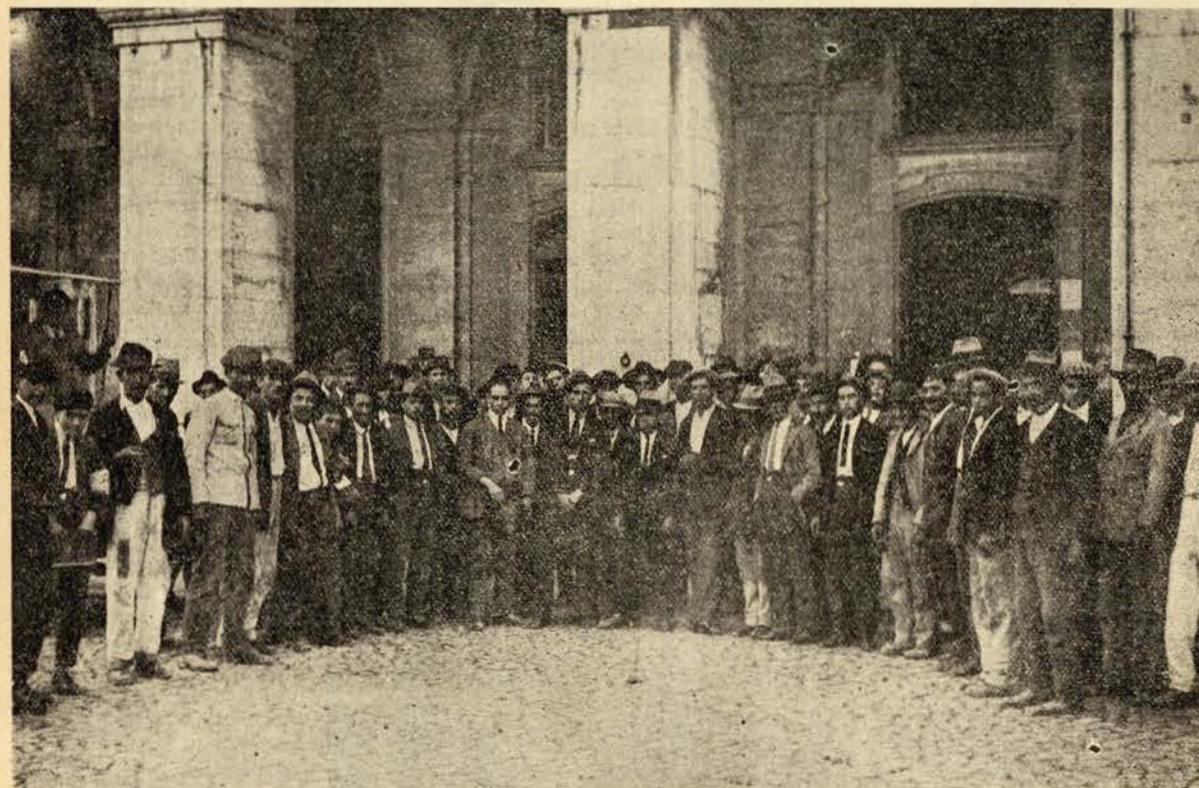
ACTUALIDADES



Considerando-o *indesejavel*, o governo dos Estados-Unidos proibiu o desembarque no territorio americano ao deputado comunista Saklatvala que fazia parte da delegação britanica ao Congresso da União Parlamentar. E' assim a liberdade na America. Membro importante duma firma hindú, Saklatvala é casado com uma inglesa e é extremamente rico.



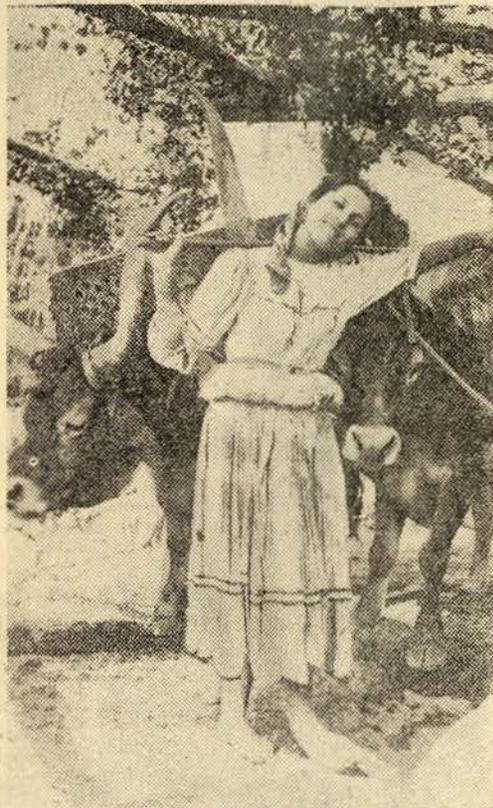
No parque do Castelo de Miromesnil, onde nasceu o ilustre romancista francês Guy de Maupassant, foi ha dias inaugurado o monumento que esta gravura reproduz glorificando o autor de *Une vie*, de *Notre couer* e de *Bel-Ami*.



Agrava-se a crise de trabalho em diversas industrias. Entre as classes mais afectadas contam-se a corticeira, tanoaria, rural, litografica e construção civil. A gravura representa um grupo de 400 operarios das obras publicas despedidos por falta de verba.

TRABALHOS AGRICOLAS

O EXFORÇO EXAUSTIVO DO CAMPONÊS



Penosa odisseia a do cavador!

Ei-lo, espinha em arco, curvado sôbre a terra que êle rega abundantemente com o suor do rosto e que tantas vezes se lhe mostra ingrata. O ano entra, o ano sai e êle prosegue incansavelmente revolvendo a terra em mil cuidados e carinhos, osculando-a e mimoseando-a, como o homem apaixonado beija em delírio a amante estremecida.

No verão o oceano das espigas loiras ondula como vaga caprichosa e irrequieta. O campônio olha-a enternecidamente e logo ao romper d'alva ei-lo de

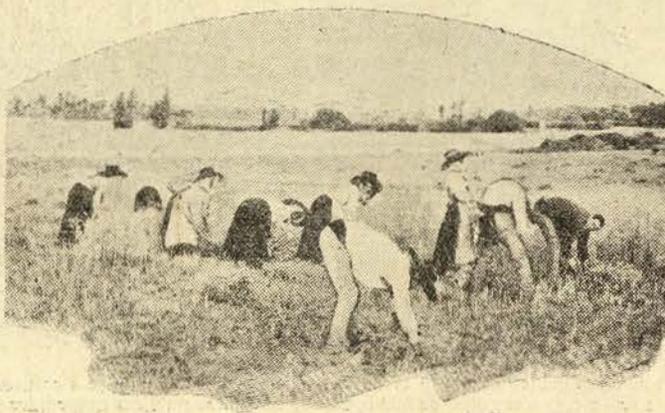
foice em punho, dobrado, cosido com a terra, arquejante, vibrando golpe sobre golpe, amontoando feixe sobre feixe. O sol faz inflectir os seus raios escaldantes no dorso tostado do ceifeiro e êle prosegue sempre, vibrando golpe sobre golpe, amontoando feixe sobre feixe, colhendo riqueza imensa de que não é êle o principal participante. Na cidade, o dono do campo, resguardado no aconchego das suas salas, conta e amontôa as moedas que a seara rendeu.

Depois da ceifa, a eira. O trigo cai das espigas, ensaca-se e transita para a cidade onde mil bocas vorazes o reclamam depois de triturado, moído e amassado. Outros tantos párias o laboraram, fazendo-o passar pelos moinhos mecanicos, pelas masseiras, pelo forno.

Foi-se o verão com os seus dias de luz intensa e brilhante que aloirava os campos. As andorinhas foram-se com ele, já se não ouve o seu chilrear alegre, já se não vêem a voejar rastejando o vôo pelas estradas. O inverno chega, chuvoso e frígido cobrindo as arvores de farrapos alvadios. E ele, o camponio, nestes dias sombrios como nos outros luminosos jamais desampara a terra. E' preciso revolvê-la de novo, abrir-lhe profundamente as entranhas para que receba a semente e frutifique em loiras mèses. Ele lá está, o cavador, alvião em punho, martelando cadenciadamente as suas pancadas. As mãos gretadas pelo frio, o dorso encharcado pela chuva, tiritando, gemendo de tantas inclemencias, ele, ainda hoje o verdadeiro servo da gleba, trabalha esforçadamente para que á cidade devoradora não escasseiem os legumes, as batatas, as hortaliças com que abarrote o ventre insaciavel.

Inditoso camponio!

Ha ainda na cidade, nessa cidade que o teu trabalho abastece, quem inveja a tua vida de inferno, quem te suponha rico; porque auferes no periodo das ceifas um salario de vinte escudos, ha quem te atribua a ti, misero cavador, a carestia da vida. Olham os vinte escudos que tu ganhas num curto periodo do ano mas



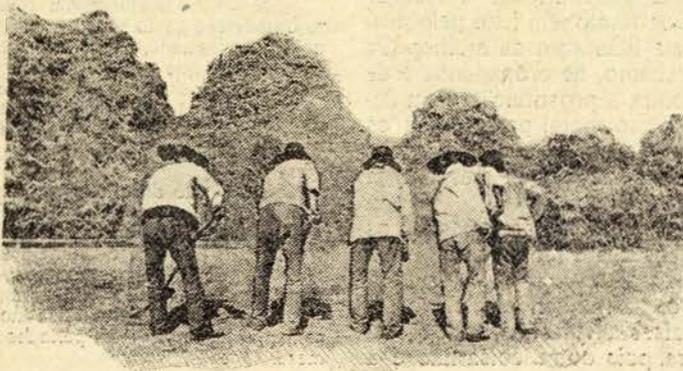
não vêm os dias e dias consecutivos em que não trabalhas ou porque o tempo o não permite ou porque não



encontras quem te alugue os braços.

Tu, mísero cavador, que não conheces o teatro, que nunca visitaste um museu, que não te extasiaste jamais perante uma obra d'arte, tu, que estás privado de usufruir os gosos mais comensinhos és, na bôca dos lavradores poderosos, de comerciantes rapaces e de estadistas ridiculos, o responsável da alta dos preços, porque, dizem êles, ganhas em demasia.

Os que assim falam conhecem bem a pobreza do teu lar, o desconforto que lá reina. Eles sabem que os teus filhos envoltos em farrapos, alimentados a caldo de couves e centeio não podem sequer receber os benefícios da instrução, que são desde muito novos arremessados para o trabalho exaustivo dos campos e que, como seus



SILENCIO!...

Silêncio, canibais!

Silêncio, e vinde ouvir o trágico murmúrio
Dos pais que, por seu mal, já nem sequer são pais,
Nem pais, nem nada, enfim! No mísero tugúrio
Há fome, há pranto, há luto, há sombras espectrais!

Silêncio, mando eu!

O pai que vê morrer à fome o filho amado,
Um filho do seu sangue, um filho muito seu,
Já não é pai nem nada! E' negro revoltado,
E pode transformar-se em novo Prometeu!

Silêncio, burguesia!

O povo meu irmão não quer roubar ninguém!
Êle sòmente quer que quando nasça o dia
Pertença a todo o mundo o sol que rompe além,
O sol que traz calor à sua cova fria!

Silêncio, gente nobre!

Cuspi nesse brasão que para nada presta
E dai com rosto alegre à pobre gente pobre,
À gente que trabalha e que não dorme a sesta,
Algum, só algum pão do muito que vos sobre!

Silêncio uma vez mais!

Silêncio, meus irmãos! Que fechem as tabernas,
E vinde todos vós mostrar aos canibais
A força colossal das cóleras eternas,
A força colossal que vós representais!

Silêncio até ao fim!

Burguês, ouve um conselho: — A luz dum sol mais novo
Pode aogar em sangue o vosso atroz festim,
Pode mudar Abel em trágico Caim...

Silêncio! Não zombeis da cólera do povo!

Porto, 1925.

Aristides Ribeiro

maiores, hão de passar a vida inteira curvados sobre a terra, aos raios ardentes do sol, ou expostos à frialdade do inverno rigoroso, mas sempre fazendo-a frutificar para que a cidade devoradora não falte com que abarrotar o ventre.

Inditoso campónio!

Quando terminará a tua escravidão? Quando conquistarás os direitos que teu irmão da cidade já usufrue?

Liga-te a êle, estende-lhe a mão e serás, como êle, triunfador.

A LUTA CONTRA A PROSTITUIÇÃO

O cincoentenário da Federação Abolicionista Internacional

A campanha contra a prostituição regulamentada foi encetada há algumas dezenas de anos estando à sua frente uma nobre figura de mulher: — Josefina Butler.

Os seus esforços foram coroados de êxito, a sua palavra convincente fez multiplicar o número dos abolicionistas que se espalharam por todo o mundo civilizado.

Mais tarde, já quando numerosas organizações nacionais e locais estavam desenvolvendo grande actividade, tornou-se necessário fazer uma maior conjugação de esforços e a 19 de março de 1875 fundava-se a Federação Abolicionista Internacional que tem vindo desenvolvendo uma formidável campanha, uma intensa propaganda contra a prostituição regulamentada.

Josefina Butler foi ainda a alma de todo o movimento federativo, tendo continuado sem desanimo a sua obra de moralização dos costumes e melhoramento da sorte da mulher.

E se hoje a grande maioria dos países da Europa já baniram da sua legislação as disposições vergonhosas que regulamentavam a prostituição deve-se aos esforços de Josefina Butler e seus discípulos.

Melhorou a sorte da mulher, melhorou a saúde pública.

A elevação moral da mulher trouxe o melhoramento físico da humanidade.

E assim, comemorar o cincoentenário da Federação Abolicionista Internacional é festejar uma colectividade que muito tem feito pelo progresso humano, pela libertação da mulher. Os seus 50 anos de trabalho, de propaganda e de árduos combates contra a prostituição e em defesa da moral, duma só moral para ambos os sexos, são um exemplo de quanto vale a vontade dos homens quando servida pela esperança de um futuro ridente.

Os países latinos teem de acompanhar os povos anglo-saxonicos neste movimento verdadeiramente anti-esclavagista.

E' assim mesmo. A mulher, em pleno século XX e nos países civilizados, ainda está sujeita à escravatura, pois outra coisa não é a

prostituição legalisada e regulamentada pelo Estado.

O instituto jurídico que rege este sistema facilita o desenvolvimento do mal e o número das desgraçadas que por triste sorte caem nas garras policiais.

O Estado, por intermédio dos seus agentes, é o maior negociante de carne humana, mas sobre este vergonhoso tráfico com a capa de protector da saúde pública.

Só o Governo Civil de Lisboa, durante 11 meses (1 de Janeiro a 30 de Novembro de 1924) arrancou à prostituição 7.167\$60.

A esta soma se deverá juntar as que foram arrecadadas nos restantes cofres administrativos espalhados por esse país fóra.

Estes números ficam aqui estampados para

maior oprobrio dos governantes e vergonha dos governados.

Arnaldo Brazão.



Josefina Butler

A mulher fatal de Balzac

Madame Hanska, que foi a mulher fatal de Balzac, era polaca. Filha duma família illustre, os pais, arruinados, haviam-na unido, quasi uma criança, a um individuo que tinha o tripulo da idade dela, conde e possuidor de fartos territórios na Ukrânia, a quem um biógrafo considerava vingativo e mal educado.

Aos vinte e nove anos, madame Hanska tinha cinco filhos, entre os quais uma menina que era o enlêvo da sacrificada mulher, que na leitura procurava a única distração permitida pela brutalidade autoritária do marido.

Foi nos livros que travou conhecimento com Balzac, cujo poderoso génio criador profundamente a impressionou. Entusiasmada, queria conhecer o autor dessas páginas soberbas que a maravilhavam. E uma viagem proporcionou-lhe ensejo de satisfazer esse ardente desejo.

Estava então em Paris, onde a acompanhara seu marido. Levava na mão uma das obras do glorioso autor da *Comédia Humana*; foi o pretexto para entabularem conversação.

Nesse curto diálogo notara Balzac a perturbação de Hanska. Algum tempo decorreu. Voltaram a encontrar-se em Genebra, e ali trocaram os seus juramentos de amor.

Mais tarde, Balzac visitou-a em S. Petersburgo, em 1843. Morrera já o velho conde, e os dois, cumprido o pacto anteriormente selado, casaram.

E foram casados dezassete anos; mas viveram juntos, somando todos os vários periodos dessa união, uns doze meses, apenas.

O POVO E AS REVOLUÇÕES

OS DIAS DE FEVEREIRO DE 1848

Proudhon publicara o seu primeiro livro *O que é a propriedade?* em 1840. Eram teorias absolutamente novas as que ele pregava e que causavam assombro pela audácia com que eram postas. As ideias espalhadas por Proudhon prometiam tempestades futuras. De facto, 1848 estava á porta e foi esta a primeira revolução em que o operariado appareceu como classe distinta.

Em fevereiro de 1848 renouva em França Luiz Filipe, elevado ao trono por uma revolução popular, tendo como primeiro ministro o sr. Guizot.

A França carecia de liberdade, pois a politica de Guizot era caracteristicamente reaccionaria. Lamartine, um grande poeta e um poderoso tribuno, pintara essa politica nestas palavras:

— Por vossa causa — dizia elle aos ministros — foi preciso que a França, ao invéz da sua indole, ao invéz dos séculos e da sua tradição, se tornasse austriaca em Roma, sacerdotal em Berne, outra vez austriaca no Piemonte, russa em Cresovia, franceza em parte alguma, contra-revolucionaria em toda a parte.

O governo respondia a Lamartine e á opposição:

— Se se crê que o governo cederá ás manifestações da opposição quaisquer que elas sejam, não! não cederá nunca!

— E' a linguagem de Carlos X — murmuravam as opposições.

Estas reclamavam a reforma parlamentar e eleitoral e a distituição do governo de Guizot.

— A reforma — dizia Luiz Filipe — é a guerra; é o principio do fim! Assim que a opposição empunha as rédeas do governo é tratar das malas!

Enganava-se. Luiz Filipe foi vencido por não ter sabido transigir a tempo. Estava muito seguro de que nenhuma revolução popular o destruiria.

A grande crise de 1848, do mesmo modo que a de 1830, não saiu duma conspiração. Foi um acto espontaneo da multidão.

No dia 22 de feveiro, de manhã, um grupo de estudantes acompanhados de muitos operarios dirigiram-se á Praça da Madalena, depois á Camara dos Deputados, gritando: — Viva a reforma! Abaixo Guizot!

A gradaria do palacio Bourbon foi escalada. Esta invasão, sem um fim determinado, retirou perante as forças que logo acudiram. Mas uma tal estreia denunciava o rumo que tomavam as cousas.

Das janelas das Tulherias o rei viu o que se passava para as bandas do palacio Bourbon; pouco depois ouviram-se gritos e cânticos sediciosos nas proximidades do paço, cujos portões foram fechados. Luiz Filipe conservava a sua imperturbavel serenidade e asseverava que havia de varrer tudo aquilo como o vento varre o pó.

Os estudantes e os operarios continuavam a percorrer Paris. A multidão engrossava e animava-se. Começou o saque aos armeiros. Não se tinha dado o mais pequeno sinal e tudo se punha em movimento.

No dia 23, ás 10 horas, os pontos principais da cidade foram occupados militarmente, mas a insurreição, por seu lado, pôz mãos á obra assim que rompeu o dia. A' noute deu-se um conflito entre a tropa e os populares de

que resultou alguns mortos. A multidão percorreu as ruas, de archotes acesos, clamando vingança.

Vendo a situação agravar-se, Luiz Filipe chamou o marechal Bugeaud, cuja energia era proverbial, e encarregou-o do comando militar de Paris. Bugeaud aceitou este espinhoso encargo, vangloriando-se de que nunca havia sido batido em ocasião semelhante e prometeu acabar com os revolucionarios. Bugeaud poz immediatamente em pratica o seu plano. Enviou uma columna de tropas a reforçar o corpo que occupava o Palacio Municipal e outra com destino á Bastilha a reunir-se a forças que já ali estavam também. A terceira columna recebeu ordem de apoiar estas duas, e o destacamento que estava no Panthéon foi reforçado. No Carroussel ficou uma reserva.

As duas columnas destinadas ao Palacio Municipal e ao Panthéon chegaram lá sem difficuldade, mas quando fizeram alto só tinham de seu o terreno que pisavam. Cortaram-lhes as communicações e reduziram-nas á condição das guarnições sitiadas. As barricadas erguiam-se em volta delas.

Às 9 horas da manhã do dia 24 de fevereiro estava por terra o plano do marechal Bugeaud cujas tropas foram inteiramente imobilizadas.

Paris estava cheia de barricadas, algumas das quais eram verdadeiras fortalezas attingindo a altura dum segundo andar. Nalgumas delas flutuava a bandeira vermelha. Terrivel preságio! Em vez da bandeira de 89, a bandeira da revolução franceza, apparecia a bandeira de uma revolução desconhecida. Era a influencia de Proudhon e de seus discipulos a dominar a maior parte dos revolucionarios.

Finalmente, pouco depois do meio dia, Luiz Filipe abdicou a favor de seu neto, o conde de Paris. O rei trocou o seu uniforme por um fato á paisana e safu das Tulherias por uma porta falsa com a rainha e a familia real. Teve de sair de França disfarçado.

Luiz XIII acabara com uma das maiores tragedias da historia; Carlos X conservara uma certa dignidade encaminhando-se lentamente para o exilio; Luiz Filipe acabava pior, evadindo-se como um criminoso.

O povo invadiu as Tulherias e um popular assentou-se no trono e saudou gravemente a multidão no meio de um côro de gargalhadas. Depois arrebataram o trono, puzeram-no numa carroça e foram queima-lo na praça da Bastilha.

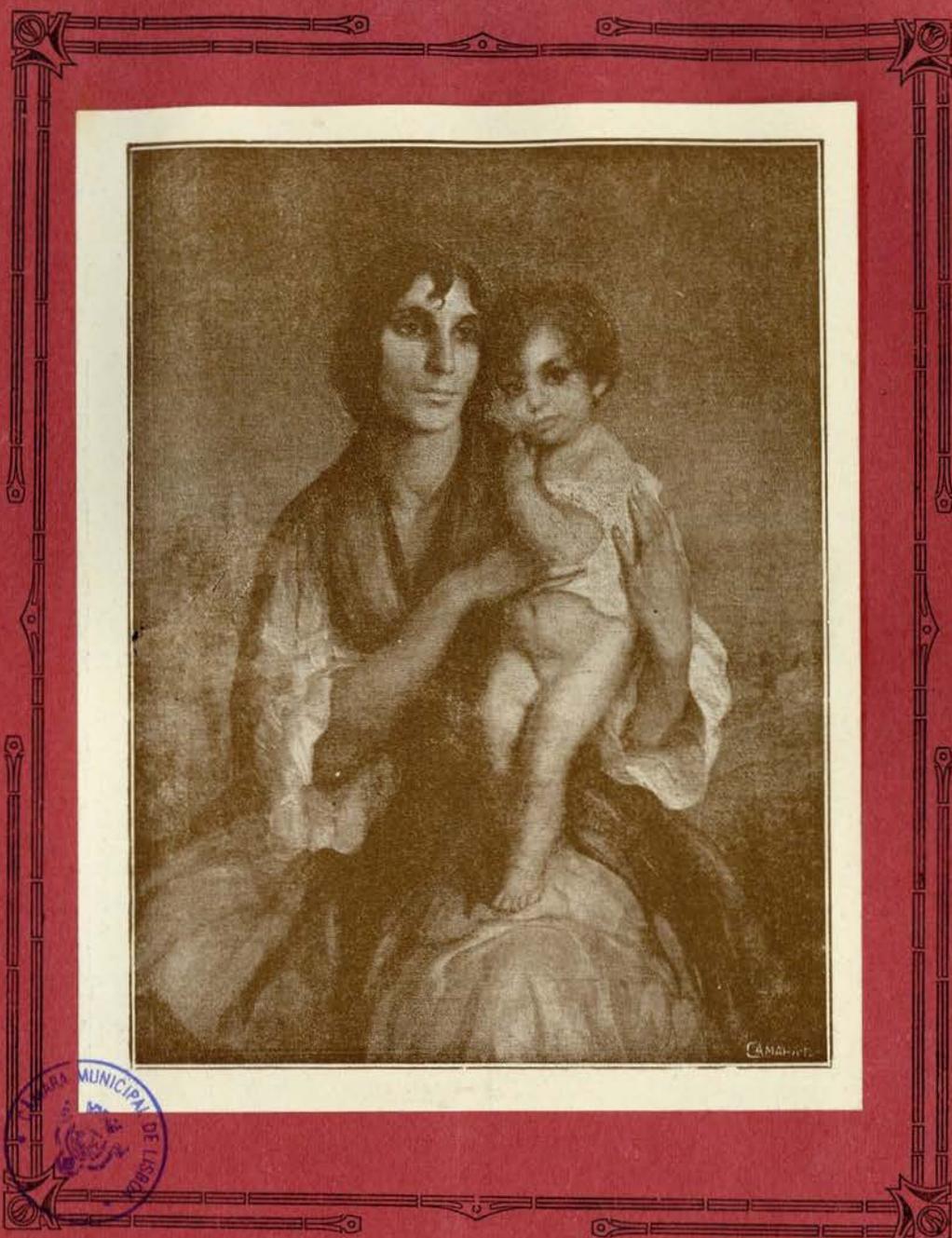
Por fim, no Palacio Municipal, foi proclamada a Republica e nomeado o governo provisorio em que figuravam Lamartine, Luiz Blanc e tambem um operario, Albert.

A França tinha de novo a Republica. E desta vez entrava um elemento novo na direcção dos destinos do paiz — o operariado. Por quanto tempo duraria a harmonia entre os operarios e os politicos burguezes? Daí a quatro mezes a luta tinha de travar-se entre os operarios e os politicos.

E afinal tinha sido o povo, pela sua acção expontanea, sem guias nem directores, quem inutilisara os planos militares do marechal Bugeaud. Ele tinha sido tudo no acto decisivo e dentro em pouco queriam reduzi-lo a nada.



Proudhon



MATERNIDADE — quadro do pintor catalão Julio Morses

Renovação

N.º 7

OS ACONTECIMENTOS DA CHINA

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO OPERARIO CHINÊS

Com a terminação da grève de Xangai, que mobilizou 200.000 grevistas e que durou três meses, pode considerar-se terminada a primeira fase da revolução chinesa. Porque o que se está passando na China, não o duvidemos, é o início duma grande revolução que, tratando-se dum país com 450 milhões de habitantes, isto é, um quarto da população total do globo, há de ter uma repercussão universal. A revolução chinesa, com a paralisação da grève de Xangai, não sucumbe, repousa, toma fôlego, para voltar de novo a exhibir novas forças, afirmar

melhor as suas diretrizes. Cantão, onde a revolução triunfa já de facto, englobando uma população de 30 milhões de almas, será o centro donde irradiará a revolução até aos confins da China. Esta pequena república revolucionária defronta-se já com o colosso inglês, impedindo que os navios visitem os portos da republica cantonesa. Noutro tempo a Inglaterra teria logo mobilizado uma esquadra contra Cantão, submetendo-a ao fogo dos seus canhões. A Inglaterra tão apta em fazer respeitar o que ela chama os seus direitos, que não são sempre o direito da

força, desta vez nada tentou fóra das vias diplomáticas. E' que ela sabe que é perigoso remecher naquele brazeiro mal extinto que é hoje a China.

Tambem não há país que mais do que a China tenha sofrido resignadamente.

Os salários e as condições de trabalho na China são as mais miseráveis do mundo. Trabalha-se 12 horas por dia em quasi todas as fábricas modernas. Nas indústrias primitivas indígenas trabalha-se 12 a 16 horas e por vezes até 18 horas. Crianças de 6 a 12 anos trabalham nas fábricas de

sedas e lanifícios. Os salarios são verdadeiramente insuficientes. Os acidentes no trabalho são contínuos, estropiando esta infância desditosa. Não há nenhuma espécie de seguro para os sinistrados.

Com razão diziam há pouco os mineiros de Kailau numa petição que dirigiram à administração das minas:

«A administração trata-nos como se fôssemos malfeitores. Tem-se mais cuidado com um cavalo do que com um operário. A nossa vida está constantemente em perigo. Se um cavalo



As potencias na China

(Caricatura da Steinlen publicada no *Assiette au Beurre*)



Operários
chineses
no
trabalho
do
ópio



morre, a administração desembolsa 100 a 200 dolars para o substituir; se nós perdemos a nossa vida, a nossa família não recebe nada. Se ficamos estropiados, despedem-nos. Mas se um

bricas os seus filhos. Teem muito poucas escolas chinesas à sua disposição. As nossas são em demazia luxuosas para crianças chinesas. Dá-se então às crianças *sempre a pedido das mães* qualquer trabalho fácil afim de que elas não cometam disturbios.»

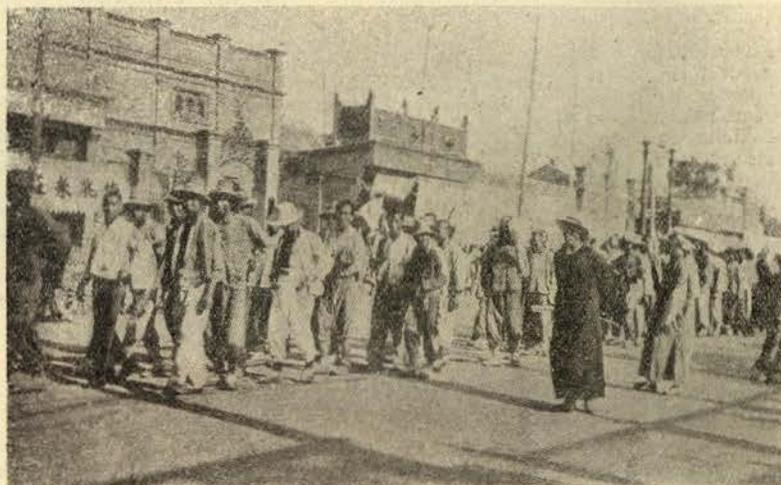
Nada de mais vil e mais hipócrita do que este documento que é o espelho da hipocrisia inglesa.

Ingleses, franceses, japoneses, norte-americanos exploram e roubam, matam e tiranizam este infeliz povo chinês tão paciente e tão laborioso. Mas o povo chinês de hoje não é o de há dez anos, como o demonstrou na grêve recente de Xangai. Um fermento de rebelião lavra no país inteiro.

E esse espirito de rebelião sobe das camadas populares às classes medias. No recente movimento revolucionario, originado por

uma questão operaria, os trabalhadores tiveram a solidariedade dos estudantes e a simpatia das classes medias e do intelectualismo chinês. E' certo que os operarios pensam só neste momento em correr com os patrões e os exploradores estrangeiros; mas depois, reconhecendo que a exploração dos seus patricios é tão insuportavel como a dos estrangeiros, procurarão libertar-se de todo o patronato, como já o pretende uma minoria activa e inteligente, cuja propaganda sindicalista será auxiliada pela força dos acontecimentos a que iremos assistir.

Ah! como há-de ser terrível o despertar destes 450 milhões de escravos que povôam a China!



Manifestação contra a dominação estrangeira organizada por estudantes em Pekim e em que tomaram parte grande número de trabalhadores

cavalo se inutiliza, o operário que tinha o cuidado de guardá-lo paga uma multa. A vida do operário é considerada como tendo nenhum valor.»

A municipalidade de Xangai exigia em Abril último às emprezas industriais daquela cidade:

1.º — Será proibido por um período de cinco anos empregar na indústriã crianças com menos de 10 anos;

2.º — Daqui a quatro será proibido empregar crianças com menos de 12 anos;

3.º — As crianças com menos de 14 anos não poderão trabalhar mais de 12 horas;

4.º — As crianças com menos de 14 anos terão pelo menos de 15 em 15 dias um repouso de 24 horas.

Estas modestas reivindicações, que bem patenteiam o estado de atrazo das camadas operárias chinesas, foram, aliás, repelidas.

Citemos ainda um documento, notável como prova da hipocrisia inglesa:

«As fábricas de seda e fiação de Xangai, dirigidas pelos estrangeiros, empregam mulheres em grande número porque o trabalho ali é fácil e pouco pesado. Os homens trabalham em geral como carregadores. As mulheres levam para as fá-



Efeitos do saque de um estabelecimento comercial de Hancon pela multidão levantada contra a exploração e dominação estrangeira

O MUNDO CURIOSO

Byron era coxo?

O Dr. Cabanés, cujas descobertas tem causado profunda admiração no mundo, transformado muitas vezes por completo a ideia que até êle se formava de indivíduos ou factos, afirma, em artigos recentemente publicados na *Revue Mondiale*, que Byron tinha o pé direito deformado, e não o esquerdo, como pretendem seis outros biógrafos do grande poeta inglês, entre os quais se contam o Dr. James Millingem.

Em apoio do Dr. Cabanés, vem o Dr. Kirmisson, que examinou os dois sapatos ortopédicos construídos para Byron, quando criança, e que o editor inglês Murray possui.

Agora, nova discussão se levantou a respeito de tão ilustres pés. O Dr. Cameron, numa conferência realizada na *Royal Social of Physicians*, de Londres, declarou que Byron não era estropiado, mas que sofria de paraplegia (rigidez espasmódica) no membro inferior, em resultado de uma lesão cerebral congénita, moléstia mais vulgarmente conhecida por «mal de Little».

Outros cientistas opinam que o mal de Byron era a monoplagia, um caso de *varus*. A controvérsia tem dado que falar, — e nas colunas do conspícuo *British Medical Journal* numerosas penas se tem dedicado ao assunto com paixão. E vale a pena, não haja duvida...

Os idiomas universais

Numerosas tem sido as tentativas para a criação de um idioma que possa facilmente ser falado por todos os povos, pondo assim um termo ás dificuldades que a cada passo surgem para a aproximação definitiva das diferentes raças. A algumas dessas tentativas coroou um êxito que, embora relativo, obston a que um tal esforço, significativo, tantas vezes, duma vida inteira de trabalho, fôsse olvidado; mas outras houve que totalmente esqueceram, e algumas mesmo passaram despercebidas.

Entre os idiomas universais que alcançaram êsse êxito relativo a que nos referimos, citamos os seguintes: O *Volapuk*, criado em 1879 por Schleyer.

A linguagem *Universal*, inventada por Maldant em 1886.

O *Esperanto*, incontestavelmente o mais difundido, fundado pelo Dr. Zamenhof em 1887.

Neste mesmo ano, sob os auspícios de Saint Max, appareceu o *Bopal*.

Em 1889, surgiu o *Bollack*.

Em 1900, o Dr. Nicolás inventou o *Spokit*, e, de então para cá, appareceram ainda mais três: o *Idioma Neutral*, do belga Bronto van Dylevelt, o *Stenolog*, do professor Leguichena, e o *Sobresal*, cujo autor, Boleslau Gajenski, diz ser uma linguagem universal, musical, telefónica, telegráfica, cabalística e para surdos mudos...

Laranjas... para esfregar soalhos

A abundância de laranjas na República de Costa Rica, uma das mais pequenas mas mais florescentes da América Central, é prodigiosa, atingindo a exportação cifras incriveis. O preço do saboroso fruto é, porisso, insinificante, e daí provem dar-se-lhe applicações as mais estranhas.

Entre estas, figura a da limpeza de soalhos das casas com as laranjas partidas em duas metades. Este original processo dá, dizem, excelente resultado para o branqueamento dos soalhos; mas decerto que só as felizes donas de casa de Costa Rica dêle se podem servir, pois que entre nós tal *esfrega* custaria muitas dezenas de escudos.

A produção mundial do chumbo

A produção mundial do chumbo no ano findo foi calculada em 1.245.000 toneladas, a maior parte obtida desde 1913 para cá. Entre os grandes productores, figuram os Estados Unidos, com 515.000 toneladas; o México, com 180.000; a Espanha, com 85.000; a Austrália, com 139.000; o Canadá, com 63.000; a Alemanha, a Bélgica e a Bósnia, com 50.000 cada.

A quota dos pequenos productores atingiu apenas 120.000 toneladas, contra 160.000 obtidas em 1913, um ano antes da guerra.

A Inglaterra, cuja importação ascendeu a 235.000 toneladas, exportou a maior parte dessa importação em artigos manufacturados.

Os espelhos de vidro

A invenção do espelho é antiquíssima e perde-se na noite dos tempos. Mas o espelho que conheceram as elegantes da Grécia antiga e do misterioso Egipto não era nada que se parecesse com o espelho actual, lâmina de vidro a que uma camada de mercúrio dá a faculdade de reproduzir as imagens. Não: o espelho de então era simplesmente uma chapa de metal, em cuja superfície perfeitamente lisa se reproduzia, melhor ou pior, a imagem.

O espelho de vidro é muito mais moderno — é, por assim dizer, dos nossos dias. Foram os venezianos que pela primeira vez o fabricaram, nas maravilhosas fabricas de vidro da ilha encantada de Murano, aí por meados do seculo XIV.

Os grandes êxitos do «Opera» de Paris

Desde 1870, os mais notáveis êxitos do *Opera* de Paris foram conquistados pelas seguintes peças, entre as quais se contam, como vai ver-se, as obras mais notáveis do teatro lírico do mundo inteiro:

Coppélia, de Délibes, *Erostrado*, de Reyer (1870); *A Taça do Rei de Tulle*, de Diaz (1873); *Sylvia*, de Délibes (1876); *Aida*, de Verdi (1880); *A Korrigana*, de Widor (1880); *Rigoletto*, de Verdi (1885); *Patria*, de Paldilhe (1886); *Romeu e Julieta*, de Gounod (1887); *Lohengrin*, de Wagner (1891); *Solambó*, de Reyer (892); *Wal-kyria*, de Wagner (893); *Thais*, de Massenet (1894); *Tannhauser*, de Wagner (1895); os *Mestres Cantores*, do mesmo (1897); *Siegfried*, tambem de Wagner (1902); *Tristão e Isolda*, idem (1904); *O Crepusculo dos Deuses*, (1908) e o *Ouro do Rheno*, (1909), igualmente do glorioso maestro alemão.

O ultimo êxito da Grande Opera de Paris foi a obra prima de Strauss, *Salomé*, ali posta em scena em 1910.

Um personagem de Balzac

Em artigo publicado na *Revue Bleue*, Curmonski e Bienstock, amigos de um íntimo de Balzac, revelam a identidade verdadeira dessa prodigiosa figura da galaria balzaquiana: Grandet.

Segundo elles, o autor da *Eugénie Grandet* inspirou-se, ao criar êsse personagem imortal, num habitante de Saumur chamado Niveleau, cuja mulher, em 1837, residia em Paris, na rua Neuve Saint Augustin. E Eugénie, que depois casou com um official da Guarda Rial, o barão Milhim de Grandmaison, jantou muitas vezes com Balzac...

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Educação Social — Revista de Pedagogia e Sociologia, de publicação mensal, dirigida pelo prof. Adolfo Lima — Empreza Literária Fluminense Lda. Rua dos Retozeiros, 125, Lisboa — 36\$00 por série de 12 números podendo ser paga em 2 ou 4 prestações iguais — Sumário do n.º 9-2.º ano, de 15 de Setembro de 1925: *O abolicionismo como factor educativo* — dr. Arnaldo Brazão; *O ensino das ciências físico-naturais* — Antonio Lima; *Autonomia dos educandos* — Adolfo Lima; *Factos e documentos: Livros e revistas*.

Sapiens — Revista mensal técnica de mecânica, electricidade e construção. Calle de Floridablanca, 119, Barcelona — 60 centimos — Vai no n.º 7 do 1.º ano de sua publicação. Assinatura para Portugal, 6 pesetas, ano.

Revista Blanca — Sociologia, Ciência e Arte — Barcelona. N.º 56. Sumario: *Esboço de uma filosofia da dignidade humana*, Frederica Montseny — *Anarquismo e naturalismo*; Antonia Maymón — *Efemérides do povo*, Soledad Gustavo — *O socialismo internacional em Marselha*, Rudolfo Sharfenstein — *A arte literária francesa*, Jacques Desleuze — *Deve procurar-se no Brasil o berço da civilização?*, Jorge Linch — *Divulgações históricas: Homero e seus herois*, M. Soriano de Nomancia.

Almanaque Bertrand, para 1926, 27.º ano da sua publicação, cerca de 400 paginas, com muita gravura. En-

cerca copiosa colaboração literária e grande soma de indicações uteis. Cartonado, 10\$00; brochado, 9\$50. Editores Aillaud & Bertrand, Chiado.

Queima das fitas do IV ano médico, de Coimbra, 1924-1925. Caricaturas de Alberto Costa e versos de vários quintanistas biografando seus colegas de curso.

Filhas da Babilónia, por Aquilino Ribeiro, 3.ª edição. Novelas: *Os olhos destumbrados* e *Magda* — capa ilustrada por Stuart. Aillaud & Bertrand, Chiado, Lisboa.

Cosmopolitano, magazine português, editado na América — Feirhaven, Mass.

Crom, revista quinzenal, ilustrada, órgão oficial da Confederação Regional Obreira Mexicana.

O braço da vila de Amarante, por Artur da Mota Alves, com desenhos e fotografias do autor. Memória para o estudo de um braço de armas da vila de Amarante, apresentada á secção de heraldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, tendo junto o parecer formulado pela mesma Associação Imprensa da Universidade de Coimbra.

Só terão referência-crítica na nossa revista as obras de que nos fôrem enviados, independentemente das ofertas pessoais, dois exemplares para a redacção da Renovação.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Patit, 14 (19^e)

New Bedford Mass U. S. A. — *Livraria Contemporânea* —
56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Como-
doro Revadavia Chebuto.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres,
preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA